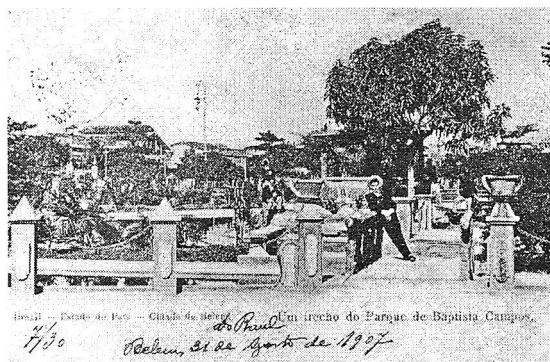


ARTE, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

LIGAÇÕES ENTRE A EXPERIÊNCIA DA SEMANA (MANHÃ DESENHANTE) E O PROJETO DE MONOGRAFIA (GRANDE HOTEL: RECONSTRUÍDO EM NOSSA MEMÓRIA)

*Renata Martins Lobato**

RESUMO: Este trabalho faz uma inter-relação entre a “experiência” praticada pelos alunos do curso de pós-graduação em Memória e História da Arte – resultado do conteúdo da disciplina Arte, Educação e Meio Ambiente – e a proposta de monografia, tendo como questões centrais o patrimônio e a memória.



Praça Batista Campos-1907



Grande Hotel-1913

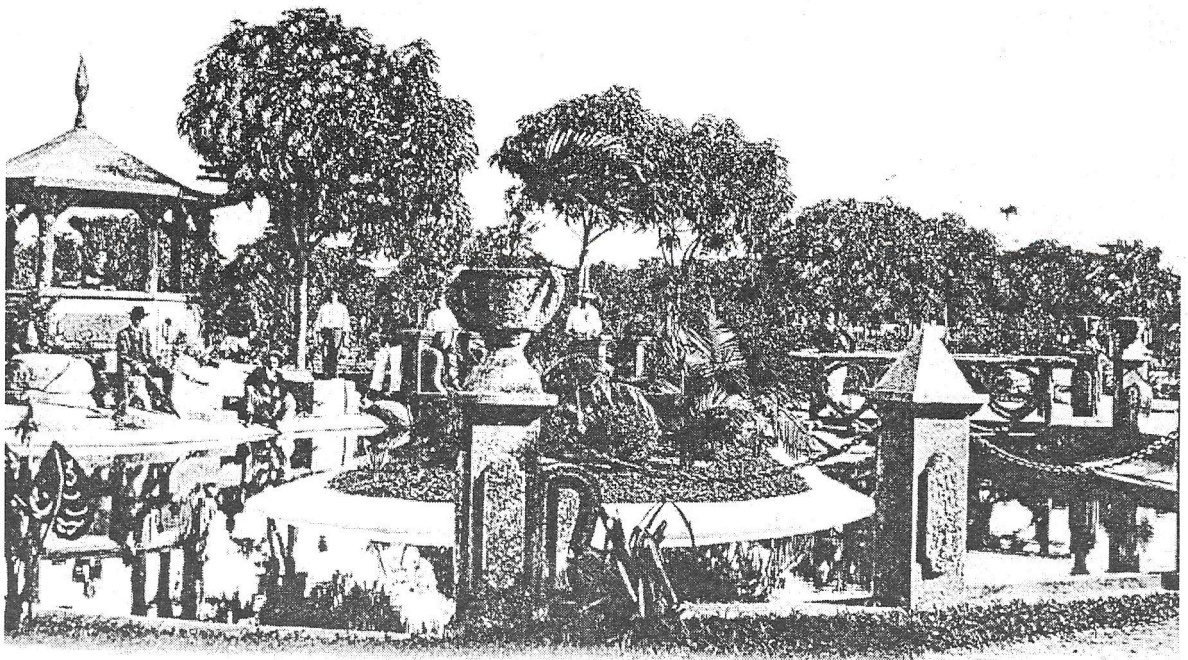
MANHÃ DESENHANTE

**Local: Praça Batista Campos
Belém - PA**

A Praça Batista Campos é uma área retangular de aproximadamente 15000 m² no centro de Belém localizada em um bairro nobre da cidade – o bairro Batista Campos. É freqüentada por grande parcela da população de Belém em todos os dias da semana e nos mais diversos horários do dia.

Os transeuntes são muitos, de diversas faixas etárias e classes sociais, pois a praça está situada em um trecho de intensa movimentação no perímetro compreendido entre as ruas dos Tamoios, Mundurucus, Pariquis e Tv. Padre Eutíquio. São estudantes dos vários colégios que ficam nas proximidades, pessoas praticando cooper, mães e babás com bebês e crianças, vendedores que vivem do movimento da praça, idosos caminhando, etc.

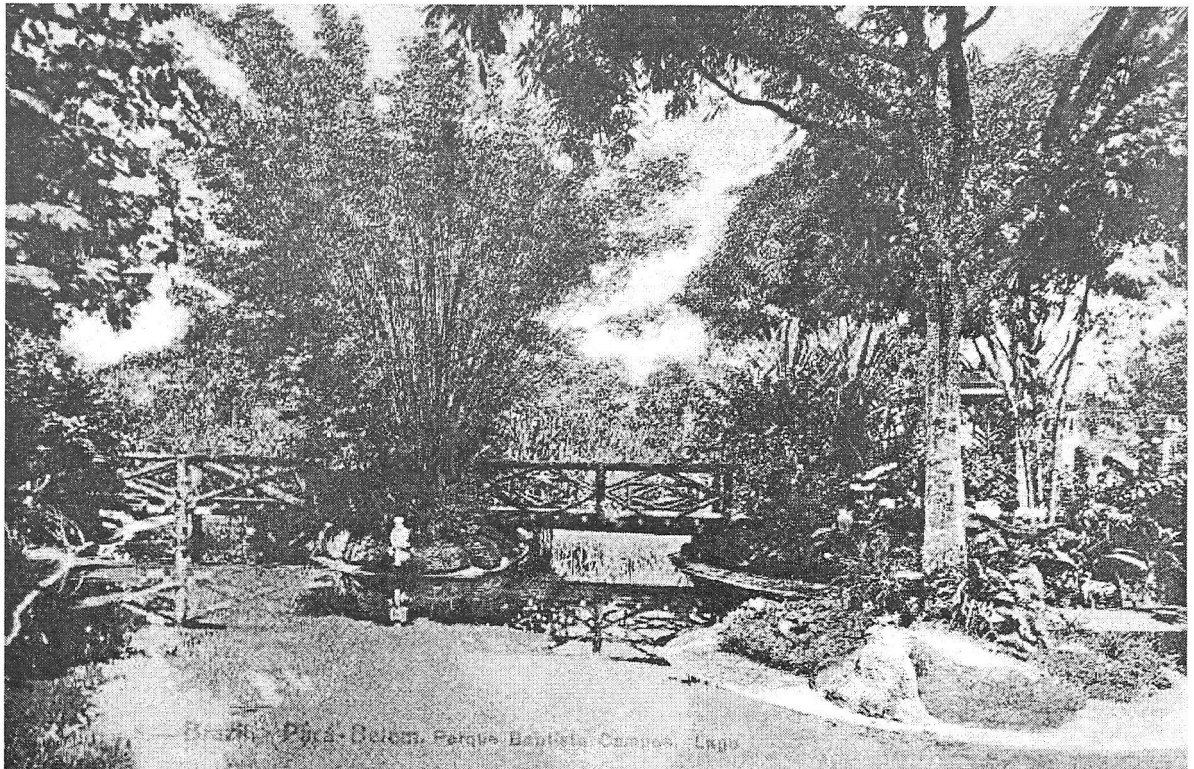
* Arquiteta pela Universidade Federal do Pará- UFPA, e especialista em Memória e História da Arte pela Universidade da Amazônia- UNAMA

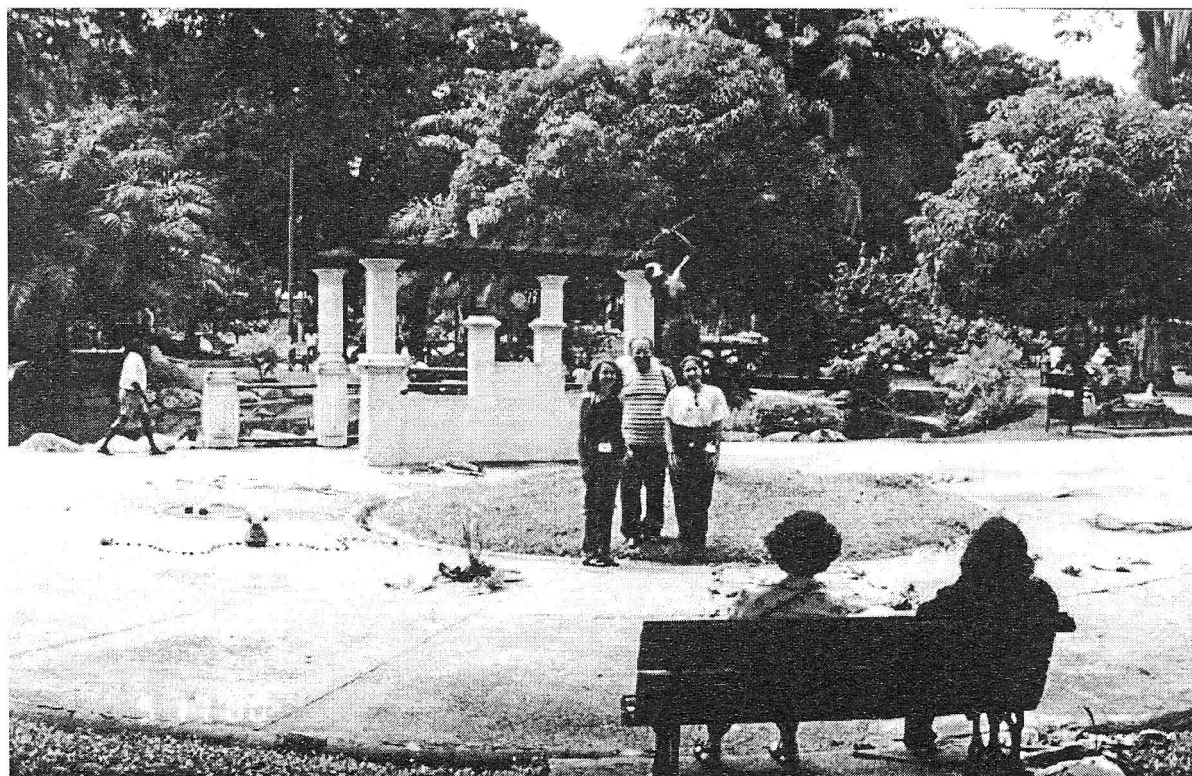


Pará (Brasil) — III. Parque de Baptista Campos

Livraria Universal do Tavares Cardoso & Ca. — Pará

Praça Batista Campos-Início do século XX





Praça Batista Campos-2002

A Praça Batista Campos é patrimônio de Belém. Inaugurada em 1903 durante a intendência de Antônio Lemos foi anteriormente denominada Praça Sergipe e só depois passou a chamar-se Batista Campos em homenagem ao cônego que foi um dos principais inspiradores da cabanagem. Foi reurbanizada por Lemos, utilizando o modelo francês de praças. Um dos principais pontos da obra foi a substituição de um antigo chafariz situado no centro da praça pelo chamado Pavilhão Harmônico 1º de Dezembro em ferro pré-fabricado importado da Alemanha e inaugurado pela Banda do Corpo Municipal de Bombeiros no dia 15 de novembro de 1904. São também pontos marcantes a “Ilha dos Amores”, o “Lago Vitória Régia”, o castelinho medieval que disfarçava dois reservatórios d’água e o Chalet da Guarda (hoje não mais existente).

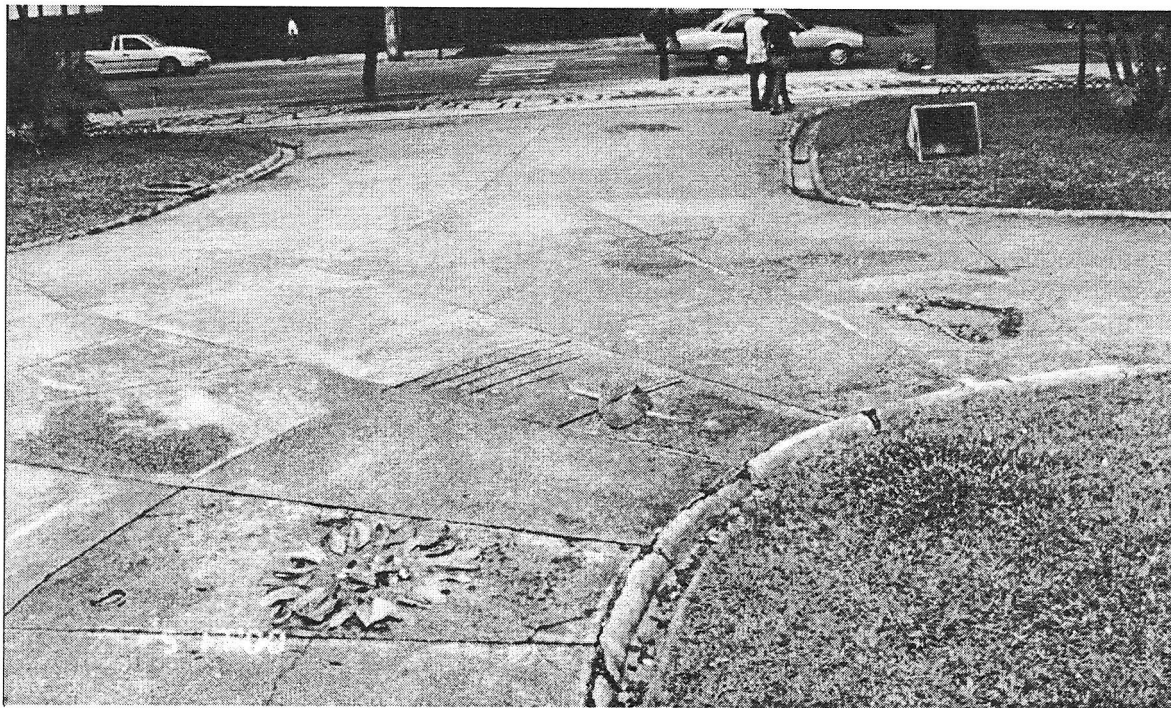
Em sala de aula, após visita individual à Praça apenas como observadores do espaço, a mesma foi dividida em blocos para facilitar o desenho, que seria desenhar estruturas que dialogassem com o entorno. Desta forma, a praça seria o papel, e o lápis seria o material encontrado na natureza (folhas, flores, gravetos, frutas). Tudo isso sendo realizado com a participação voluntária dos frequentadores e passantes. De posse do lugar sorteado para praticarmos a nossa “experiência” em Arte, Educação e Meio-Inteiro Ambiente, partimos para a Praça na manhã do dia 18 de maio de 2000.

O material recolhido pela equipe: folhas de cacaueiro, castanheira, mangueira, bananeira, jambeiro, samambaia, antúrio, dracena, palmeira e de papiro; flores como o sorriso de Maria, vindiká, lírio, orquídea, pétalas de rosas; frutos como a manga, o cacau, a castanha do Pará; e outros materiais

como palha da costa, cheiro do Pará, trepadeiras, galhos secos, ouriço de castanha sapucaia; além de faca de cozinha, faca olfa e tesoura para auxiliar no uso desse material. Com o “lápis” em mãos, escolhemos a estátua em bronze de uma índia como foco principal e aproveitamos as linhas ao seu redor transformando-as em uma espécie de cabala, um altar em louvação à índia e ao que ela representa, a natureza. Nos recortes em trapézio (um sim, outro não) surgiram o sol, flores, caminhos, o arco sem a flecha. Parece que fizemos a escolha certa, pois foi fácil para as outras pessoas identificarem o sentido de nosso trabalho, e se não participavam fazendo o desenho, se sentiam de tal forma atraídas, que participavam da “louvação” espontaneamente, chegando a

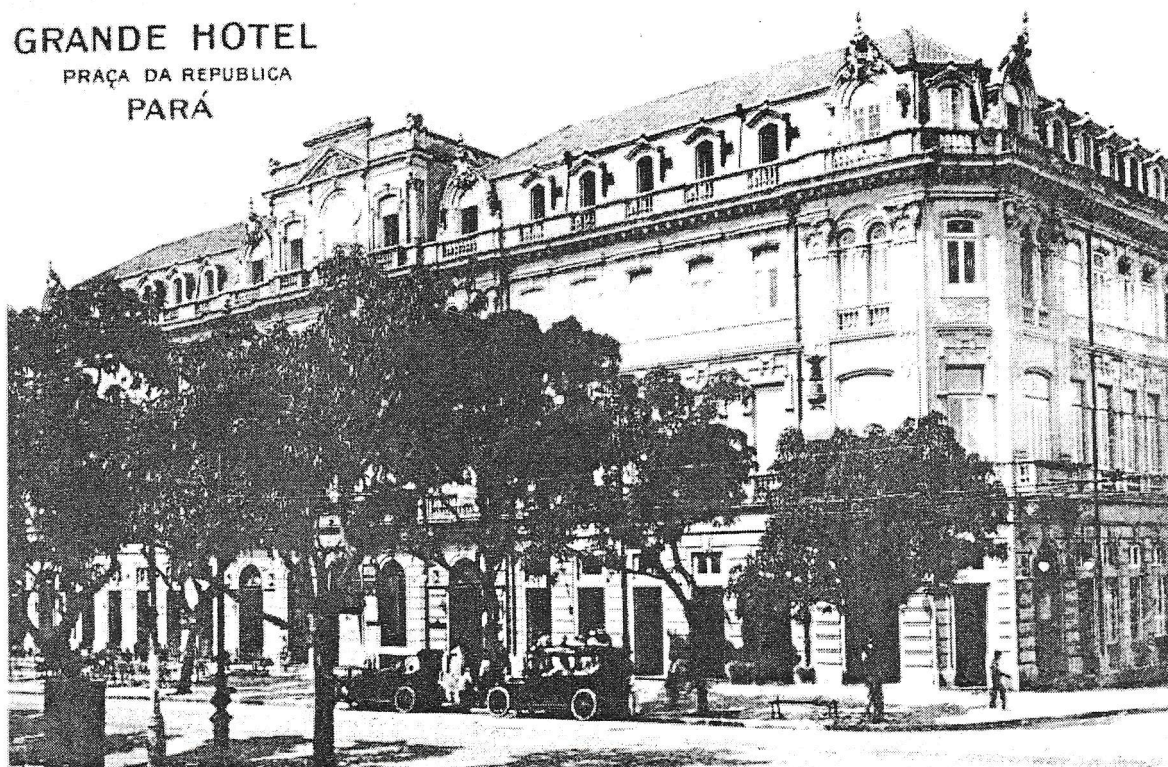
pensar que aquele dia poderia ser de homenagem a alguma deusa ou divindade. Portanto, tivemos a garça, um dos símbolos da praça, desenhada pelo vendedor de picolé; um peixe feito pela estudante; estruturas com folhas por um grupo de meninos; e a chuva de pétalas de rosas em louvação, pontuando o final de nosso trabalho, que foi um momento de integração da equipe, dos participantes, da natureza e de nossa “obra”.

Foi uma experiência surpreendente este encontro entre a Praça Batista Campos, patrimônio histórico, a natureza mais do que presente e as pessoas. A educação artística vista e trabalhada de um novo ângulo. Fácil comunicação. Prazerosa forma de aprendizagem.



Praça Batista Campos-2002

GRANDE HOTEL
PRAÇA DA REPÚBLICA
PARÁ



Grande Hotel-1913

Manú. (...) não sei que mais coisas bonitas enxergarei por este mundo de águas. Porém me conquistar mesmo a ponto de ficar doendo no desejo, só Belém me conquistou assim. Meu único ideal de agora em diante é passar uns meses morando no **Grande Hotel de Belém**. O direito de sentar naquela *terrasse* em frente das mangueiras tapando o teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí, você que conhece mundo, conhece coisa **milhor** do que isso, Manú? Me parece impossível. Olha que tenho visto bem coisas estupendas. Vi o Rio em todas as horas e lugares, vi a Tijuca e a Sta. Tereza de você, via a queda da Serra pra Santos, vi a tarde de sinos em Ouro Preto e vejo agorinha mesmo a manhã mais linda do Amazonas. Nada disso que lembro com saudades e que me extasia sempre ver, nada desejo rever com uma precisão absoluta fatalizada do meu organismo inteirinho. Porém, Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra! Não tenho medo de parecer anormal pra você, por isso que conto esta confissão esquisita mas verdadeira que faço de vida sexual e vida em Belém. Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim. E como já falei, sentar de linho branco depois da chuva na *terrasse* do **Grande Hotel** e tragar o sorvete, sem vontade, só pra agir, isso me dá um gozo incontestavelmente de realização de amor tão sexual.

1927

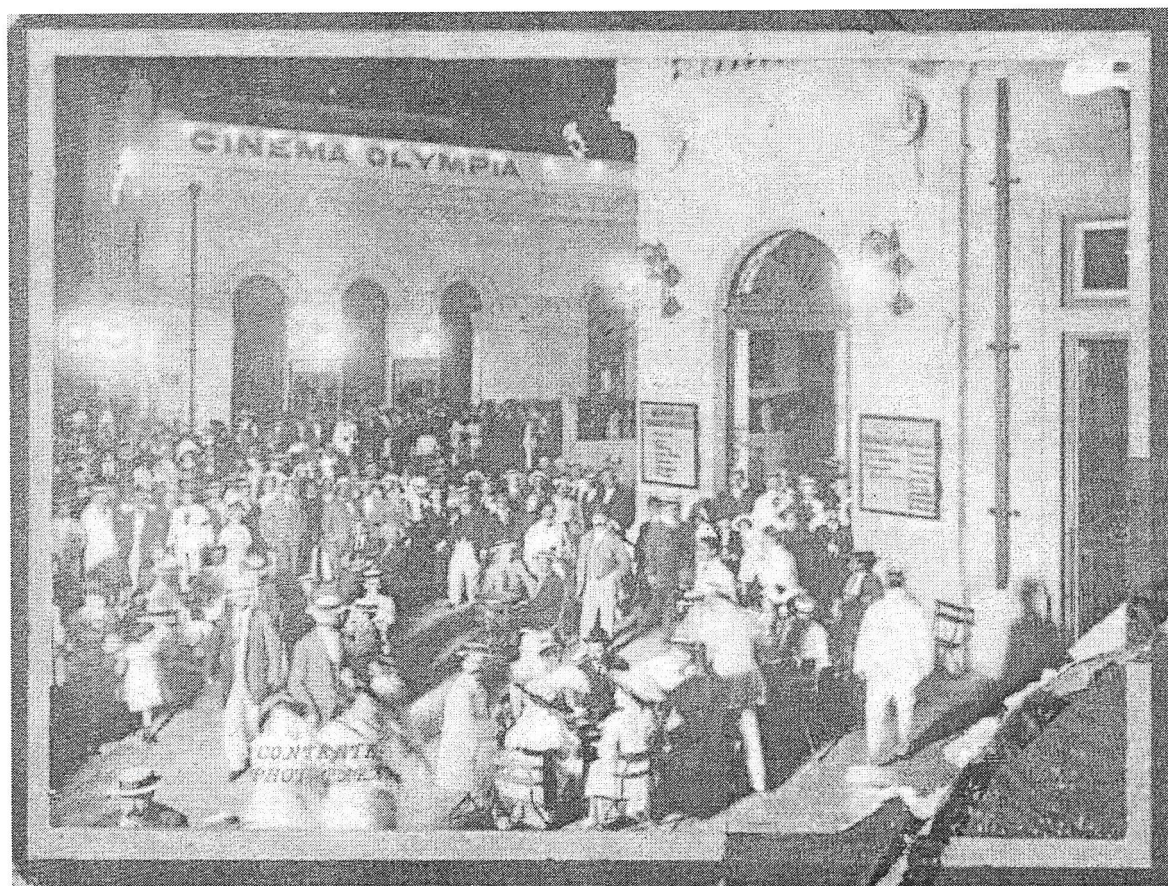
Mário de Andrade

Carta à Manuel Bandeira

PROJETO DE MONOGRAFIA
GRANDE HOTEL: RECONSTRUÍDO EM NOSSA MEMÓRIA



Traços, Belém, v.5, n. 9, p.21-30, jul. 2002



Parte da “Terrasse” do Grande Hotel – 1913 (À esquerda Cinema Olympia)

Pensando em Belém como uma cidade repleta de monumentos e prédios de enorme valor histórico, não preservados em sua maioria, é que me pergunto sobre o que Belém ainda possui do legado que as gerações passadas nos deixaram. O que preservamos? O que perdemos? O que estamos por perder?

Nossa história está sendo dilacerada com o passar dos anos. Como ultrapassar a barreira da “Belém da Saudade”, da Belém do “já teve”?

Com olhos críticos de arquiteta, tomei consciência do quanto já foi destruído do nosso patrimônio. Relembrando as construções que hoje não mais existem e que foram tão marcantes para sua época,

observei a ausência de informações sobre as mesmas, e que a maioria da população não possui conhecimento sobre a memória de sua cidade.

A cada ano que passa, perdemos mais algumas preciosidades arquitetônicas (são derrubadas, modificadas sem a orientação adequada ou esquecidas até sua total destruição). Em seu livro “O que é patrimônio histórico?”, Carlos Lemos aborda o assunto: “*Cada manifestação arquitetônica ou paisagística de significação constitui-se num referencial importante - de identificação do cidadão com sua terra, que importa preservar em benefício dele próprio e da comunidade.*”

Contemplando histórias de Belém antiga, principalmente do que foi a nossa “Belle Époque”, os anos áureos da borracha, que tornaram Belém uma cidade com vida ativa, sofisticada, com padrão alto de higiene e transporte como as cidades européias. Anos de crescimento, de modernidade, anos que geram a tal “saude”, o que Belém queria ter se tornado hoje, surgindo uma presença forte nos relatos de livros e pessoas: o maior hotel da Região Norte e o primeiro hotel de grande porte em Belém - o **Grande Hotel**.

Fervilhava a vida cultural - social de Belém e o **Grande Hotel** era o seu centro e, assim foi durante décadas até sua decadência e demolição em 1974, onde deu

lugar ao Hilton Hotel.

O **Grande Hotel** marcou toda uma época de sonhos de opulência e grandiosidade e desapareceu deixando um vazio. Derrubá-lo foi destruir um referencial importante para a cultura do período.

Segundo Paes Loureiro em artigo publicado na Revista Cultural do Pará: *“Desfalar uma cidade dos seus monumentos históricos, dos seus prédios, de seu patrimônio cultural, é como ir desgastando, mutilando, extirpando as partes da alma de uma pessoa, pois tudo isso faz parte da memória, da história, da emoção, do equilíbrio espiritual e emocional de toda população”*. (1987, p.21)

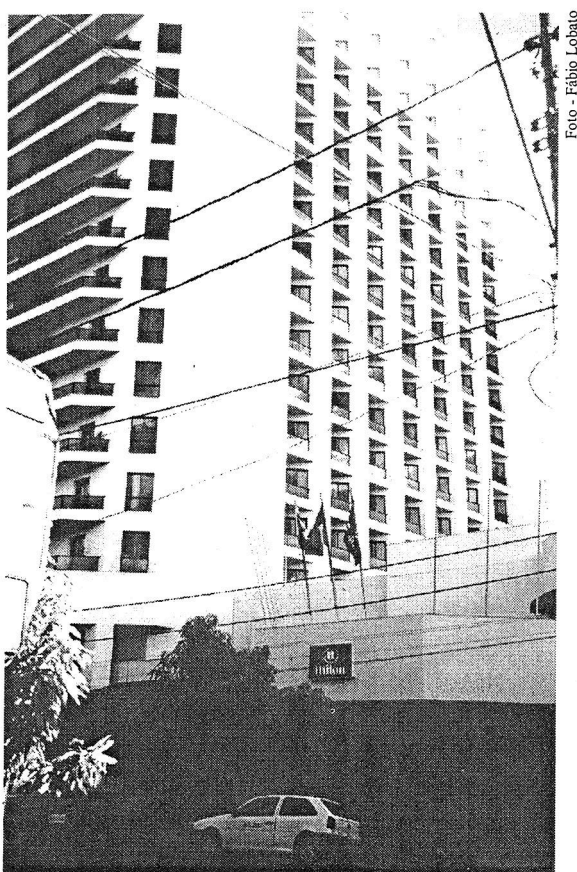
Sabemos que é impossível tê-lo de volta, mas por que não reconstruí-lo ao menos em nossa memória? É disso que trata meu projeto de pesquisa, desta forma a evitar futuras violências ao patrimônio de nossa cidade.

LIGAÇÕES

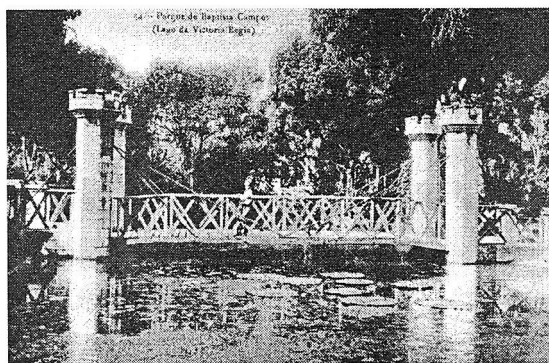
Tanto o Grande Hotel de Belém quanto a Praça Batista Campos surgiram exatamente no período glorioso da borracha em Belém. No fim do século XIX a belle époque marcava a sociedade européia e Belém absorvia todas as influências culturais e materiais vindas de lá, já que vivia o apogeu do ciclo da borracha e o requinte e o progresso eram priorizados pelos governantes e pela população.

Belém se tornou rapidamente uma cidade civilizada, no conceito europeu de civilização, os palacetes em estilo “art nouveau”, a moda, os hábitos elegantes, o gosto e preferência por tudo que estava em voga em Paris. A burguesia da borracha a intitulava: petit Paris.

A cidade vivia da Europa através da importação e exportação comerciais. Nas ruas viam-se homens e mulheres vestidos



Hotel Hilton Belém



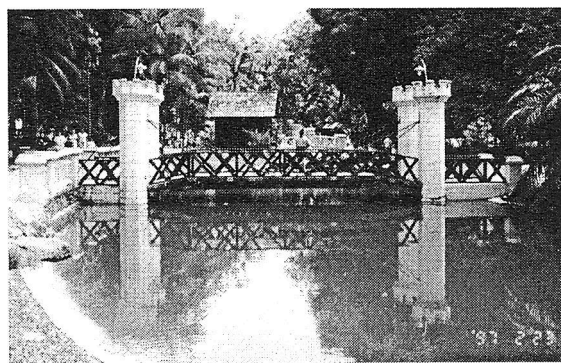
Praça Batista Campos-Início do Século

de forma européia, com roupas compradas em grandes lojas como o Paris n'América, construído no melhor estilo francês e ainda hoje existente, prova viva da "borracha época".

Os ingleses reinavam em negócios como portos, navegação, luz e força, bondes, telefone. Ainda ouvimos falar de nomes como: Port of Pará, Amazon River Steam Navigation, Pará Electric Company, Pará Telephone.

O intendente Antônio Lemos dominou a política paraense de 1898 a 1912, e foi o grande incentivador e idealizador dos progressos urbanísticos de Belém. Em seu mandato, alargaram-se ruas, multiplicaram-se praças, encheram-se de flores e folhagens os jardins, de mangueiras as ruas e avenidas, de fontes e estátuas os parques e logradouros e fez de Belém uma cidade muito mais resolvida do ponto de vista urbano do que as principais cidades brasileiras da época: Rio de Janeiro e Salvador. Conta-se que indo ao Rio de Janeiro em 1904, Lemos fez questão de cumprimentar Pereira Passos pelo esmero com que urbanizava a capital do país, e obteve como resposta de Passos: "Começo a fazer na minha cidade o que V.Ex.a já fez na sua."

O contato com o sul do país era muito pequeno e a Europa era bem mais familiar,



Praça Batista Campos atualmente

e é neste sentido que Belém ultrapassava a capital recebendo empresários, homens de letras, e principalmente artistas renomados mundialmente. Os melhores transatlânticos traziam e levavam de volta os artistas ignorando a capital da República.

Frutos desta mesma época de esplendor, como outros patrimônios da cidade, o Grande Hotel e a Praça Batista Campos tiveram fins diferentes. Duas situações opostas ocorreram a essas testemunhas do nosso passado. No caso da Praça Batista Campos, utilizada como campo de trabalho na manhã desenhante, recebeu diversas intervenções para seu uso e conservação. Foi valorizada como patrimônio da cidade e teve por diversas vezes apoio governamental nas obras realizadas. Podemos em pleno ano 2000 admirar os belos ornamentos feitos no início do século, utilizá-los e adequá-los à nossa realidade. Como seria se não tivéssemos mais em Belém a presença da praça? Teríamos consciência do quanto a sua conservação valeria para nosso meio-inteiro ambiente e para nossa história? Ou passaria despercebida como tantas outras violências que sofreu o nosso patrimônio em nome da especulação imobiliária ou simplesmente por puro descaso? É difícil para qualquer um de nós imaginar Belém sem a praça. É

muito mais difícil para quem freqüentou o terraço e os salões do Grande Hotel conformar-se com a sua demolição, e acreditar que hoje Belém não o possui mais. Não há pessoas que viveram durante o seu funcionamento, que não lamentem seu triste fim. Mas, há agora, a nova geração que nem chegou a conhecê-lo e que precisa tomar consciência desta história, para que possa agir com responsabilidade e zelo em relação a todo o nosso riquíssimo patrimônio.

Com certeza, seria maravilhoso tomar o sorvete daquela famosa sorveteria paraense na "Terrasse Mário de Andrade" depois de assistir à um filme no cinema Olímpia, mas já que não podemos, que muitas manhãs de sol possam ainda ser aproveitadas na Batista Campos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Ernesto. **As Edificações de Belém 1783 – 1911**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**. Belém: Cejup, 1992.

DANGELO, Jota. **Belém do Pará**. São Paulo: Hamburg, 1995.

DERENJI, Jussara. **Teatros da Amazônia**. Belém: Fumbel, 1996.

FABRIS, Anna Teresa. **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Nobel; Edusp, 1987.

LEMONS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARANHÃO, Haroldo. **Pará, capital: Belém. Memória e pessoas e coisas e coisas da cidade**. Belém: Supercorres, 2000.

MEIRA FILHO, Augusto. **Fundação Histórica de Belém do Grão Pará: Fundação e História**. Belém: Instituto Histórico e Geográfico, 1976.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Estudo de Geografia Urbana**. Belém: UFPA, 1968.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle Époque**. Belém: Pakatatu, 2000.

TOCANTINS, Leandro. **Grão-Pará**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987.

VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupí**. Belém: Secult, 1999.